

história e mito do surrealismo em Portugal



antónio cândido franco

BIOTRICA
LIVRO NACIONAL
PORTUGAL

148 U.

apenas

História e Mito do Surrealismo em Portugal - I

[O Grupo Surrealista de Lisboa]

António Cândido Franco

• apenas



Shi

145148

© Apenas Livros Unipessoal Lda.,
e António Cândido Franco

Al. Linhas de Torres, 97, 3º eq.
1750-140 Lisboa
Tel. 21 758 22 85
apenaslivros2@gmail.com

Revisão de Luís Filipe Coelho
Design da capa: Maria Tomás

Depósito legal nº 401500/15
ISBN: 978-989-618-517-6
1ª edição: 250 exemplares
Novembro de 2015
Publicação nº 645

Colecção: cadeRnos suRRealistas sempRe, 2
Dirigida por: Maria Estela Guedes

www.apenas-livros.com



Talvez nunca se possa fazer, por razões várias, a mais significativa das quais a intemporalidade da noção em causa, a história do surrealismo em Portugal. Há segmentos que não pertencem à história nem são historiáveis, pois estão fora do tempo exterior, mensurável, condição basilar para haver história. São segmentos interiores desse tipo, a que podemos chamar míticos, que alimentam a poesia, no que esta tem de narrativa e de dramática.

Não obstante essa previsível impossibilidade, são desejáveis os contributos pontuais para historiar alguns dos seus momentos temporais, antes de mais, o Grupo Surrealista de Lisboa, primeira manifestação visível do surrealismo em Portugal e talvez o seu segmento mais historiável, até pelo pouco que de mítico nele houve. Vieram já a lume alguns desses subsídios, com evidente benefício duma mais ajustada narração do que aqui importa – o surrealismo português em tempo do Grupo Surrealista de Lisboa, e sem esquecer aquele intemporal que inviabiliza qualquer história plena e absoluta, já que esta para existir de forma cheia necessita da consumação do facto, e o facto aqui, pela noção intemporal dos segmentos não historiáveis, não encerra e de muitos modos não fecha.

Deixando agora de lado as chegadas dadas por alguns que, de modo tangencial, mas nunca por dentro, se cruzaram com a chegada do movimento a Portugal, como foi o caso de Jorge de Sena, que num desses textos se crismou, sem qualquer ironia, «criatura não surrealista» («Notas acerca do surrealismo em Portugal», 1978; v. *Estudos de literatura portuguesa – III*, Edições 70, 1982, p. 258), pertencem a Mário Cesariny, com certeza por estar dentro e sê ter por criatura surrealista, os mais valiosos subsídios para a historiografia do surrealismo em Portugal ou para aquilo que dele era por então possível historiar e que não é assim muito diferente do que por ora é.

Para além dos manifestos públicos, das declarações de grupo, das folhas volantes que assinou, bem assim outros documentos congêneres, de restrita circulação, mas sempre pertinentes para quem queira aclarar a acção do movimento entre nós, é preciso assinalar

em lugar cimeiro dois textos capitais que publicou já na década de 70 do século XX, cerca de vinte e cinco anos depois da formação inicial do Grupo Surrealista de Lisboa, e que constituem o ponto alto de qualquer tentativa de relatar fidedignamente o que se passou em Portugal entre a década de 40 e a de 70 em termos de surrealismo.

Falo dos seguintes textos, publicados com um curto intervalo de dois meses e que tudo leva a crer terem sido escritos na mesma leva, de seguida: «Para uma cronologia do surrealismo português», publicado em Dezembro de 1973 na revista *Phases* (n.º 4, II série, Paris), em francês, na tradução de Isabel Meyrelles, e que veio a ter uma segunda edição, revista e anotada, esta em portuguesa língua, no livro *As mãos na água a cabeça no mar* (Assírio & Alvim, 1985, pp. 261-282), e *Contribuição ao registo de nascimento, existência e extinção do Grupo Surrealista de Lisboa*, dado a lume como caderno autónomo em Fevereiro de 1974, edição de Mário Cesariny e Cruzeiro Seixas, e recolhido também mais tarde, com revisão, na colectânea *As mãos na água a cabeça no mar* (1985: 285-314), reedição muito acrescentada, que aqui seguimos, de livro publicado em 1972, em simples e magra edição do autor, paga pelo bibliófilo e também biógrafo do órfico Mário de Sá-Carneiro, João Pinto de Figueiredo. Aos dois textos, até para confronto, é preciso juntar a primeira grande peça historiográfica de Cesariny sobre o surrealismo, a cronologia de abertura do livro *A Intervenção surrealista* (1966), «Prolegómenos ao aparecimento de Dadá e do surrealismo», que teve reedição integral, neste caso sem qualquer revisão, corte ou acrescento, em 1997 – e esta aqui se segue. Uma quarta peça, também valiosa como esteio de apoio, é a cronologia que Cesariny juntou ao livro com que a Secretaria de Estado da Cultura o homenageou (*Mário Cesariny*, 1977, pp. 43-66) – ao que sabemos sem reedição posterior.

O primeiro texto, de 1973, assumidamente historiográfico, não obstante o que o autor havia aventado sete anos antes no prefácio da antologia *A Intervenção surrealista*, em que não vaticinava Herculanos para o surrealismo indígena, é um voo panorâmico de quase um século, que vai de 1880 até ao início da década de 70 do século XX,

momento da escrita, e em que, além das raízes e dos frutos já maduros, o grosso do texto, quinze páginas em vinte, é dedicado ao que ocorreu, em termos de surrealismo, na década de 40, que podemos tomar como o momento mais apetecidamente historiável do conjunto, embora esteja longe de ser possível metê-lo como um todo na história. Há sequências nessa década que para brilharem como brilham não podem ir ao torniquete da cronologia. Aconteceram do lado de fora do tempo, e até fora do que no surrealismo é visível e se pode contar, ou por miúdos se trocar, e aí nesse forro quase invisível se terão de deixar – como Cesariny as deixou, sem sequer as anotar.

O texto de Cesariny solta-se, permeado de avanços pessoais, longe, pois, do que se dá e tem por expressão fria e inquiridora da ensaística, mas apresenta, logo na edição gaulesa de 1973, um conjunto de elementos objectivos de grande pertinência para se perceber o que se passou na década de 40 em Portugal em termos de surrealismo. Os capítulos que mais importam são os seguintes: «Publicação do surrealismo português 1947-1948» e «O anti-grupo surrealista dos surrealistas dos anos 1948-1953».

O primeiro destes capítulos, o único que aqui nos pode interessar e que sofreu acrescentos na reedição de 1985, que logo se dirão adiante, dedica-se à formação e ao primeiro desenvolvimento do Grupo Surrealista de Lisboa. Do ponto de vista dele, as primeiras adesões ao surrealismo em Portugal, ao menos entre os novos, pois entre os menos novos outros se tinham, foram as de Mário Cesariny, Alexandre O'Neill, António Domingues e João Moniz Pereira, estes dois chegados da adolescência escolar de Cesariny, da velha Escola António Arroio, à Estefânia, e do Café Hermíneos, nos arredores, cerca da praça do Chile, e o outro, O'Neill, um conhecido mais recente, descoberto já nas efusões do termo da guerra, no seio das primeiras reuniões do Movimento de Unidade Democrática (MUD), que acabara de ser criado e a que ambos haviam dado, com entusiasmo, adesão.

Na cronologia do livro da Secretaria de Estado da Cultura (1977: 45), o autor de *Pena Capital* indicou o ano de 1945 como o do encontro com Alexandre O'Neill – a que juntou José Cardoso Pires e Luiz Pacheco. Na cronologia inicial de *Intervenção surrealista* (1966), intitulada «Prolegómenos ao aparecimento de Dadá e do surrealismo»,

a data confirma-se, com um acrescento – o ponto de encontro foi o Café A Cubana, na Avenida da República. Na mesma cronologia indica o ano de 1942 e a Escola António Arroio para o conhecimento de António Domingues; no texto de 1973, que acaba por funcionar neste ponto como o alargamento comentado da cronologia inicial de *Intervenção surrealista*, junta João Moniz Pereira ao grupo de adolescentes, entre as aulas de Desenho da Escola António Arroio, com Falcão Trigoso, e as cegadas estudantis do café da Almirante Reis. Quanto a Luiz Pacheco, sabemos que o ponto de encontro foi outro, ao menos na versão do autor de *O Libertino*, o Círculo de Amigos do Teatro, onde ocorriam acções culturais do MUD. Passemos porém Luiz Pacheco, que só mais tarde, já na década seguinte, se cruzará a sério com a história do surrealismo português, e ocupemo-nos das relações entre O'Neill e Cesariny, o primeiro, nascido em Dezembro de 1924, e o segundo, em Agosto de 1923, um ano e pouco de diferença, nada de significativo.

O'Neill, em entrevista dada ao jornal *Expresso* (21-9-1985), dá uma versão mais geral deste encontro, não mencionando sequer o café da Avenida da República, onde se sabe porém, por palavras suas, que ia nesta época, a do final da Guerra, jogar bilhar (A. O'Neill, «Nota biográfica», *Diário Popular*, 10-9-1959). Em 1985 diz ele: *Conheci-o [a Cesariny] através do Lopes Graça que tinha um grupo coral chamado Amizade, ligado aos movimentos juvenis da política. O Cesariny era membro do desdobramento juvenil desse coral. Nós andávamos pelo Barreiro, pelas colecções, a cantar em grupo.* Importa pouco, para o que aqui interessa se o ponto de encontro dos dois foi o café da Avenida da República, vivo na época, ou o grupo coral de Lopes Graça. Importa mais dizer que Mário Cesariny se limita a dizer, tanto no rol de 1966 como no comentário mais largo de 1973, que foi no ano de 1947 que os quatro – Cesariny, O'Neill, Moniz Pereira e António Domingues – aderiram ao surrealismo. Em 1973 dirá que essa adesão foi a solução encontrada para rupturas, que vinham de trás, com o neo-realismo. Foi em 1946 que Mário Cesariny fez a sua primeira colagem, des-
6
construindo de forma erótica, ele dirá bretoninamente *especiosa*, a imagem do general De Gaulle, escandalizando o grupo de Lopes Graça, nada dado, menos ainda em público, a brincadeiras indecorosas. Já no ano anterior, em 1945, Cesariny botara ao papel os poemas de *Nobilíssima visão*, onde a crítica ao neo-realismo, pelo menos

ao neo-realismo vigente, era humoradamente feroz. São as tais pequenas picardias a que Cesariny alude em 1973. Não diz porém como se deu a adesão ao surrealismo – e não o adianta nem em 1966 nem em 1973. Diz, apenas, que foi no ano de 1947 que se deu a entrada dos quatro no surrealismo e que foi ela que condicionou, ainda nesse ano, a formação do Grupo Surrealista de Lisboa, além de ter determinado outras adesões – Pedro Oom, António Maria Lisboa e Risques Pereira – imediatamente posteriores.

Alexandre O'Neill, pelo seu lado, na entrevista dada ao semanário *Expresso* e já referida, adianta elementos para se perceber como do seu ponto de vista se deu a entrada do grupo dos quatro no surrealismo. Citamos: *Fui eu que comprei a História do Surrealismo do Maurice Nadeau e disse que tínhamos de fazer uma coisa daquelas. Foi uma descoberta de 1948, através do livro e da antologia que ele publicou. Foi um alvoroço, o surrealismo surgia-nos exaltante e libertador. O Cesariny fez a descoberta na altura, embora já escrevesse umas coisas com muito humor, que eram uma charge ao neo-realismo. A data adiantada pelo entrevistado, vezeiro em lapsos, de resto inofensivos, está errada. Em 1948, já o Grupo Surrealista de Lisboa se fizera e quase desfizera. Do erro se apercebeu a biógrafa do autor, Maria Antónia Oliveira, dizendo que O'Neill, como de costume, se enganara na data, recuando um ano a descoberta do livro de Nadeau (v. *Alexandre O'Neill – Uma biografia literária*, Publicações Dom Quixote, 2007, p. 58). A biógrafa recuperou no trabalho um outro testemunho de O'Neill, que reitera a importância do livro. Citamos O'Neill (*id*, 2007: 311): *Até tem piada, mas a verdade é que a ideia de formar um grupo [surrealista] nasceu da leitura do livro de Maurice Nadeau L'histoire du surréalisme. Lemos o livro, achámos que tinha um certo interesse e foi assim.**

De que se trata quando se fala de *L'histoire du surréalisme*, de Maurice Nadeau, livro que tanto parece ter contribuído, ao menos na visão ulterior de O'Neill, para o nascimento do surrealismo organizado em Portugal? Antes de mais, fala-se duma história, com tudo o que esta tem de limitado. Que limites são esses? Repetimos: há sequências, as mais ricas, as mais fundas, as mais vivas, que não são historiáveis; estão fora do que se pode historiar, num plano indelével, sem tempo e sem história; são os segmentos míticos, secretos, pré-históricos, remotos, que a vida de qualquer acontecimento tem e que só a imaginação poética pode restituir e desenvol-

ver. Só à superfície um evento tem história; o seu fundo é mítico. Enganam-se os que pensam que traçar a história dum caso é compreendê-lo. O mais significativo fica ainda, submerso, por apreender.

O livro de Nadeau, na edição de 1945, já que teve outras tiragens ulteriores com actualizações finais, faz a narrativa histórica do surrealismo francês entre o momento da sua criação e a estadia de André Breton em Nova Iorque, para onde fora, por causa da ocupação alemã da França, em Março de 1941, e de que só regressará no meado de 1946. A história de Nadeau é a reconstituição objectiva – ou, ao menos, a sua tentativa – dum perfil exterior, sem cuidar daquela dimensão interior e funda, que está além ou aquém da aparência. Um tal livro, não obstante tudo o que podia orgulhar quem se dedicara com tanta devoção ao movimento, não tinha condições para agradar em pleno a André Breton, que tinha dos acontecimentos, como poeta que era, uma perspectiva mais mítica do que histórica.

8 Temos um testemunho do autor de *Nadja*, de Junho-Julho de 1949, sobre o livro e que paga a pena restituir, já que nunca foi traduzido em portuguesa língua. Está no panfleto *Flagrant délit*, em que Breton com fúria justificada escarpeliza um «inédito» fraudulento de Rimbaud, *La chasse spirituelle*, que tivera a caução de Maurice Nadeau, redactor literário do jornal *Combat*. Diz Breton – traduzo (*Œuvres complètes*, vol. III, Gallimard, 1999, p. 804): *Já que M. Nadeau me obriga a fazer o balanço das minhas relações pessoais com ele, resumomas. Não o tinha senão vislumbrado de raspão antes da guerra, a ponto de me ter esquecido do seu rosto quando me chegou a Nova Iorque o seu livro Histoire du surréalisme. Por médiocre que fosse este trabalho de compilação, fosse qual fosse a falta de habilidade do autor em colocar o debate acima do anedótico, a despeito de lacunas graves e inexplicáveis que podiam comprometer a inteligibilidade do conjunto, feitas ainda todas as reservas ao tom «malandro» da narrativa, concorde aliás com o gosto electivo da «tagarelice», estimei que, à falta de melhor, o livro era oportuno e testemunhava de boa vontade. Foi sobre esta base que acreditei poder confiar no autor.*

Esta mesma opinião acerca do livro, oscilando entre a crítica severa e a indulgência, foi reiterada em *Entretiens (1913-1952)*, na parte final das entrevistas radiofónicas de André Parinaud (cap. XV), estas primorosamente passadas ao português por Ernesto Sam-

paio (A. Breton, *Entrevistas*, Salamandra, 1994). Reproduzo (1994: 209): [...] *certa História do Surrealismo não destituída de méritos mas estabelecida na base de testemunhos nem sempre confiáveis, apresentando além disso algumas inexactidões e lacunas bastantes perturbadoras. Onde se declara o espírito profundamente mal-intencionado do... historiador improvisado é, no final da obra, onde, depois de haver tentado – não será o último – virar contra mim o meu mais caro e mais antigo companheiro, Benjamin Péret, decreta que «só resta passar a certidão de óbito ao movimento surrealista». Nunca se viu biógrafo mais apressado. Como ainda estava em Nova Iorque, quando a obra apareceu, ele aproveitou para fazer seguir esta declaração de um post-scriptum bilioso contra mim, apoiando-se nos últimos boatos. Contudo, disposto a acreditar que o haviam enganado, não lhe guardei ressentimento no meu regresso.*

Entre a severidade e a indulgência, entre o juízo negativo e a aceitação, e as duas existem na apreciação de Breton, a primeira domina de modo iniludível sobre a segunda, o que se entende, se soubermos que nos dois momentos em que se pronunciou acerca do livro, 1949 e 1952, Nadeau e Breton haviam ficado, por causa do Rimbaud de *La chasse spirituelle*, em dois campos opostos, o primeiro, responsável pelo suplemento literário do jornal *Combat*, onde o texto foi anunciado com estrondo [*Combat apresenta hoje um excepcional documento literário que acreditávamos perdido desde 1872 (19-5-1949)*], defendendo com intransigência a autenticidade do manuscrito, e por conseguinte validando a edição em livro que dele fizera o *Mercure de France*, e o segundo, com o faro poético apuradíssimo, que tinha desde a mais tenra adolescência, impugnando-o com todas as energias. Talvez em 1945, no momento da saída do livro (Éditions du Seuil), Breton tivesse com ele outra clemência, sublinhando-lhe os lados positivos e desculpando-lhe as superficialidades; depois da controvérsia, inclinou-se a carregar os aspectos perfunctórios do livro, retirando parte do crédito que lhe dera. Quem cometera a vulgaridade de tomar por autêntico um manuscrito tão claramente fraudulento, o que depressa e facilmente se provou, tinha de ficar à porta e do lado de fora.

Em 1947, no momento em que O'Neill e Cesariny, no relato do primeiro, acedem ao livro de 1945, a polémica com Nadeau ainda não estalara, e a boa reputação do livro devia estar intacta. Não deixa porém de ser revelador o silêncio de Mário Cesariny, leitor activo

e até ao final da vida de *Entretiens* (1952), onde a opinião mais castigadora de Breton se espraia, chegando a afirmar *en d'autres temps une telle avanie eût empêché à tout jamais critique de tenir une plume* (1999: 566). Quer na cronologia de 1966, quer no capítulo de 1973, nunca Cesariny, ao tratar da adesão dos quatro (O'Neill, Cesariny, Domingues e Moniz Pereira) ao surrealismo, se refere ao livro de Nadeau como ponto de partida ou levedura fosse do que fosse. Ainda assim, alguma importância o livro terá tido em Lisboa, pois a cronologia de 1966 (v. *A intervenção surrealista*, 2.^a ed., Assírio & Alvim, 1997, p. 52) cita-o, na rubrica das obras publicadas em França no ano de 1945, ao lado de Péret, Gracq, Monnerot e Breton, que nesse ano, ainda do outro lado do mar, publica na editora Brentano's de Nova Iorque *Le surréalisme et la peinture*, versão muito ampliada e renovada do livro de 1928 com esse título. No mesmo ano e na mesma editora publica ainda Breton a primeira edição de *Arcane 17* – sem referência este na cronologia de Cesariny¹.

Entre as declarações de O'Neill sobre o papel crucial do livro de Nadeau nas primeiras adesões ao surrealismo em Lisboa e os meio silêncios de Cesariny acerca do mesmo livro, ponha-se mais um dado de interesse. Em carta de 1 de Outubro de 1947, numa altura em que Cesariny está em Paris, o que deve então suceder pela primeira vez, Alexandre O'Neill e António Domingues, em Lisboa, enviam-lhe uma lista de sete livros que o primeiro já tinha e que deviam ficar fora das compras de Cesariny, sendo um deles, o quarto, uma *Histoire [du] surréalisme* – sem autor. Ora *Histoire du surréalisme*, em língua gaulesa, nessa altura, só uma havia, a do jornalista Maurice Nadeau. Fica, pois, uma certeza: O'Neill já conhecia, antes do início do Outono de 1947, o livro de Nadeau. Que importância, porém, pode ter esse trabalho, perguntamos nós, no meio de seis outros livros, onde se encontram os *manifestos* de Breton, um livro de Freud e uma antologia de Lautréamont? Por via da divulgação, acessível e até fiel, alguma teria, mas de modo nenhum tão decisiva, tão funda, tão revolutiva, como a edição dos *manifestos* de André Breton – por certo na edição, importantíssima, de 1946, *Les manifestes du surréalisme, suivis de prolégomènes à un troisième manifeste du surréalisme ou non* (Éditions du Sagittaire), base de todas as ulteriores.

O'Neill mais tarde, em 1985, na entrevista ao jornal *Expresso*, dirá que o livro lhe chegou às mãos em 1948. Confirma-se pois, pela car-

ta de princípios de Outubro de 1947, que a data está errada. Em que mês do ano de 1947, de Janeiro a Setembro, conheceu o autor de *Um Adeus Português* o livro de Nadeau? Impossível, com os conhecimentos que hoje temos, responder. Sabemos porém, pela carta, que em princípio de Outubro já o livro estava nas suas mãos em Lisboa. Demais sabemos que Cesariny não devia estar assim tão a par dos livros do amigo, mesmo os de conexão surrealista, que eram os que mais lhe podiam interessar, já que O'Neill tem necessidade de lhos enumerar com pormenor. Aceite-se pois, até mais ver, que o livro de Nadeau terá tido destinos diferentes junto de O'Neill e de Cesariny - o primeiro, grande entusiasta dele, e o segundo, mais comedido e frio na recepção.

Regressemos ao capítulo «Publicação do surrealismo português - 1947-1948» do texto de 1973, «Para uma cronologia do surrealismo em português», que aqui seguimos. Já sabemos que a historiografia que aí é feita do surrealismo português tem na base a adesão dos quatro jovens - Cesariny, O'Neill, Domingues e Moniz Pereira - às ideias de Breton. Aí se diz que foram estas adesões que condicionaram as ulteriores e inclusive a formação dum grupo surrealista em Lisboa. Em abono desta linha, apresenta Cesariny extractos da correspondência de O'Neill com ele, cartas de 16 de Setembro de 1947 e de 1 de Outubro do mesmo ano, escrita esta com António Domingues, ambas para Paris, onde o destinatário se encontrava. Já se aludiu a esta segunda carta, que atesta a circulação do livro de Nadeau em Lisboa no Verão de 47. O trecho da carta de 16 de Setembro confirma por sua vez a intenção de estes jovens formarem um grupo surrealista em Lisboa. Citamos (1985: 268): *Afirmou [Eugénio de Moraes Cardigos] que o surrealismo tinha raízes fascistas, era fascista, em suma. Respon-di-lhe que ele ia ter, dentro em breve, uma óptima oportunidade de estudar o «fascismo» ao vivo, dado que o super-realismo ia ser (ah!) uma realidade em Portugal.* A carta de 1 de Outubro, escrita pouco antes do regresso de Cesariny - Moniz Pereira só regressará em Novembro - a Lisboa, dá seguimento ao propósito da criação próxima, iminente mesmo, dum grupo surrealista em Portugal - iminente, mas por acontecer, já que os remetentes, O'Neill e Domingues, querem falar com Cesariny antes de qualquer outro elemento dum possível grupo a formar-se aqui.

Segundo a informação do autor do texto, foi depois do seu regresso a Lisboa que se deram as primeiras reuniões do Grupo

Surrealista de Lisboa. Do cruzamento dos vários dados, e sobretudo da carta de 1 de Outubro, uma coisa nos parece assente: O'Neill e Cesariny tiveram no Verão de 1947 um papel fundador neste grupo. O primeiro estabeleceu contactos em Lisboa de modo a alargar o núcleo inicial, chamando a si, organizadamente, alguns dos que haviam andado com Cesariny nas adolescências da Escola António Arroio, como Marcelino Vespeira e Fernando Azevedo, e palpando terreno junto dos mais velhos que em Lisboa se interessavam pelo surrealismo. O segundo, em Paris, teve segunda e não menos decisiva missão: contactar André Breton, muito ocupado então com a grande exposição internacional da galeria Maeght, *Le Surréalisme en 1947*, que se inaugurou a 7 de Julho, para o pôr ao corrente da intenção de formar um grupo surrealista em Lisboa, pedindo-lhe colaboração, e sondar ainda António Dacosta, outro veterano que antes se manifestara pelas coisas do surrealismo.

Se recorrermos à cronologia de 1966, deparamos com um curioso parágrafo acerca da estada de Cesariny em França no Verão/Outono de 47 (1997: 57). Diz assim: *Mário Cesariny e João Moniz em França, onde contactam com Breton e com o grupo surrealista francês. Não encontram António Dacosta, radicado em Paris. Não procuram. Não é seguro que assim seja. Há notícia contraditória do contacto com Dacosta em Paris, como se verá no momento de tratarmos o segundo conjunto de Mário Cesariny que aqui nos interessa, Contribuição ao registo, nascimento e extinção do Grupo Surrealista de Lisboa.*



Contribuição ao registo, nascimento e extinção do Grupo Surrealista de Lisboa, opúsculo publicado, como se disse, pela primeira vez em Fevereiro de 1974, numa edição conjunta do autor/compilerador dele e de Cruzeiro Seixas, e reeditado em 1985, no livro que aqui se segue, *As mãos na água a cabeça no mar*, é porventura a peça crucial para a historiografia do Grupo Surrealista de Lisboa. Nele se reúnem nove cartas, a mais antiga datada de 17 de Agosto de 1947, e a mais recente, de 8 de Agosto do ano seguinte, e um documento do Grupo Surrealista de Lisboa, subscrito por oito nomes (O'Neill, Domingues, Pedro, Azevedo, Moniz, França, Cesariny, Vespeira), com a data de 29 de Abril de 1948, dirigido à Comissão Organizado-

ra da III Exposição Geral de Artes Plásticas. Deste acontecimento dissera assim em 1973 Cesariny: *Como actividades positivas do grupo [...] deve registar-se o escândalo introduzido em Abril do mesmo ano [1948] no seio da III Exposição Geral de Artes Plásticas, certame que reunia anualmente artistas politicamente adversos ao regime. Convidado a participar, e de boa mente disposto a fazê-lo, o grupo surrealista obriga-se a retirar, na véspera da abertura da exposição, a participação enviada (mais de três dezenas de quadros), visto a comissão organizadora ter aceiteado à última hora uma censura prévia, imposta pelo governo, à exposição.* O documento de 29 de Abril é o aviso de recusa do grupo em participar na exposição.

Vejam-se agora as nove cartas do opúsculo. Singularizo-as assim: uma, de Alexandre O'Neill a M. Cesariny (16-9-1947, enviada de Lisboa para Paris); uma, de Cândido Costa Pinto a M. Cesariny (1-10-1947, enviada de Lisboa para Paris); duas, de O'Neill e António Domingues a Mário Cesariny (17-8-1947 e 1-10-1947, enviadas de Lisboa para Paris); uma, de João Moniz Pereira a M. Cesariny (6 de Novembro de 1947, enviada de Paris para Lisboa); uma, de M. Cesariny a Victor Brauner (8 de Janeiro de 1948, enviada de Lisboa para Paris); uma, de Victor Brauner a M. Cesariny (15 de Janeiro de 1948, enviada de Paris para Lisboa), resposta à deste; uma, de M. Cesariny a A. O'Neill e A. Domingues (5-8-1948, enviada de Lisboa para Lisboa); uma, de M. Cesariny a António Pedro (5-8-1948, enviada de Lisboa para Lisboa).

Já conhece o leitor a importância da carta, de 1 de Outubro de 1947, de O'Neill e Domingues a Cesariny. Por essa carta se fica a saber que o livro de Nadeau estava com O'Neill e que a criação dum grupo surrealista em Lisboa estava iminente, o que a também já conhecida, de 16 de Setembro, confirma. Nesta, dada a conhecer na íntegra no opúsculo de 1974, há elementos da maior relevância para a história da formação do Grupo Surrealista de Lisboa. Por um lado, temos um conjunto precioso de informações do trabalho que O'Neill desenvolve em Lisboa e, por outro, ficam as indicações do que Cesariny faz ou pode fazer em Paris. Começemos por Cesariny. Transcrevo dois passos relativos à missão deste (1985: 295): *Haverá, portanto, toda a conveniência em estabelecer ligações íntimas com o Breton [...]. Ninguém melhor do que tu pode resolver, com habilidade, o problema das ligações. Confio em ti. Não é tudo, mas é já muito.* O destinatário comentou assim o último parágrafo (1985: 312): *O «problema das liga-*

ções», como expressa A. O., foi saudavelmente reduzido, nos encontros que tive com André Breton no antigo Café da Place Blanche, na Galeria Cahiers d'Art e em casa do poeta, ao projecto de publicação em Lisboa de um pequeno caderno de colaborações surrealistas, portuguesas, entende-se, caderno que, pedia eu, seria apresentado pelo próprio Breton. Este foi inexcusável de simpatia pelo projecto, em suma bastante viável, pedindo apenas que lhe fosse indicado o número de páginas disponível e, um pouco, o carácter do texto que iria escrever.

Houve, pois, encontros entre Cesariny e o autor de *Nadja*, e em três lugares distintos, café da Place Blanche (onde se efectuavam as reuniões restritas e alargadas do grupo surrealista de Paris, nas encostas de Montmartre), Galeria Cahiers d'Art e em casa do escritor, no número 42 da Rue Fontaine, vizinha à Place Blanche, onde ele vivia desde 1922, e aí continuaria até à sua partida definitiva em Setembro de 1966, encontros porventura curtos - Breton tinha cinquenta e um anos, e Cesariny, vinte e quatro - e que se podem ter ficado pelas conversas acerca do texto introdutório para a publicação surrealista que iria aparecer em Lisboa, projecto para ser visto no quadro das acções do grupo a criar pelos quatro (O'Neill, Cesariny, Moniz Pereira, Domingues). Viu ela, a publicação surrealista portuguesa, a luz - pergunta-se? Não, nunca chegou a ver. Ficou apenas projecto. Mais tarde se dirá porquê. Que mais fez Cesariny em Paris? Esplanadas, livrarias, concertos, exposições - o normal num jovem português culto, de vinte anos, que passa o Verão em Paris. Logo na primeira carta, ainda de Agosto, o remetente pergunta a Cesariny e Moniz: *Já viram a exposição surréaliste?* A exposição não pode ser outra senão a da Galeria Maeght, *Le surréalisme en 1947 - exposition internationale du surréalisme*, que havia sido ideada, ainda em Nova Iorque, entre Breton e Marcel Duchamp. A carta-convite, endereçada a 12 de Janeiro do ano seguinte, já com Breton em Paris, surge assinada pelos dois. Com montagem de Duchamp e Frederick Kiesler, a participação de 25 países, abre portas a 7 de Julho, e assim ficou todo o Verão. Segundo notícia do catálogo *André Breton. La beauté convulsive* (v. A. B., *Œuvres complètes*, III, 1999: XXXIII), a exposição teve quarenta mil visitantes. Cesariny terá sido um deles; Moniz Pereira, outro.

Talvez mais do que a exposição, o panfleto saído em Junho do mesmo ano, e decerto distribuído e afixado na exposição, *Rupture*

inaugurale, redigido por Breton e pelo seu grupo, deve ter tocado fortemente o jovem Cesariny, moldado pela propaganda do Partido Comunista Português. Na cronologia do livro de 1977 não se encontram referências à exposição da Galeria Maeght; ao invés o manifesto merece alusão. De resto, o passo da cronologia relativo ao ano de 1947 é do maior interesse para se saber o que Cesariny andou a fazer por Paris nesse Verão. Citamos: 1947 – *visita em Agosto André Breton, Victor Brauner e Henri Pastoreau. Encontra no surrealismo a teoria (prática) que melhor corresponde ao seu próprio caminho, na exaltação da imaginação, da liberdade e do amor como verbos sinónimos: manifestos «Rupture Inaugurale», de 1947, e «À la Niche les Glapisseurs de Dieu», do ano seguinte – de ruptura, o primeiro, com todo o sistema de obediência marxista-stalinista; de recusa, o segundo, de qualquer aparato teológico ou empatia devoradora (antropomórfica). Descobre Fourier [...]. A descoberta de Charles Fourier, que terá sido decisiva para Cesariny libertar uma sexualidade reprimida pelo modelo edipiano e patriarcal, e pela qual veio a pagar, daí a pouco, um preço muito elevado, tão alto que no fim da vida ainda o lastimava, veio por certo através da primeira edição da *Ode à Charles Fourier*, de André Breton, que se acabara de publicar em Fevereiro desse ano, 1947, em Paris (Éditions de la Revue Fontaine), e que devia estar em franca circulação – a edição foi copiosa, mil e cinquenta e cinco exemplares – nas livrarias de Paris no Verão em que Cesariny lá esteve pela primeira vez para tratar de assuntos relativos ao surrealismo. O texto de Breton, com duas fontes imediatas distintas, as obras do sociólogo oitocentista e as reservas índias do Arizona, é talvez a primeira, e decerto a mais séria até hoje, tentativa de reabilitar um pensador social que exigiu nada menos do que uma sociedade organizada para a satisfação integral das paixões humanas.*

Sobre Victor Brauner (1903-1966), pintor judeu romeno, com quem Cesariny esteve nesse Verão em Paris, e com quem se carteará no princípio do ano seguinte, dirá ele, na mesma cronologia de 1977, que foi o pictórico que, pela linguagem de primitivo, pelo interesse em tomar em mãos as chaves do oculto, mais o marcou, reorientando o seu trabalho com as tintas e o desenho para o *esquematismo mágico* das representações. Sobre Brauner acabara Breton de escrever em Julho de 1946, pouco depois do seu regresso a Paris, um texto forte, vibrante de adesão psíquica, *Victor Brauner*, que atri-

bui à pintura do romeno o poder exorcismal dos pentáculos. Mau grado a ruptura pessoal entre Breton e Brauner em Novembro de 1948, nunca o primeiro deixará de tributar à obra do segundo o reconhecimento deslumbrado que se deve e vota à erupção dos mitos arcaicos. No momento da partida do picto-poeta, em 1966, dedicar-lhe-á Cesariny em definitivo – já que outra houve que se perdeu no tempo de Paris, ou logo depois – uma «Homenagem». Já em 1965, na reedição definitiva do livro *Le surréalisme et la peinture*, publicado inicialmente em 1928, reeditado depois em Nova Iorque em 1945, também André Breton prestara o seu preito ao pintor, integrando no terceiro capítulo do livro, «Fragments (1933-1961)», dois textos sobre ele –, um, o já citado de 1946, agora com o título «Victor Brauner. Entre Chien et Loup...».

Henri Pastoreau (1912-1996), o terceiro surrealista a que Cesariny alude, é caso distinto. Militante anticlerical e membro do grupo surrealista de Breton desde 1932, tinha vinte anos, foi dos mais activos intervenientes na reconstrução do grupo no momento do regresso de Breton a Paris. Em Maio de 1947, quando Sartre ataca o surrealismo na revista *Les Temps Modernes* (v. «Situation de l'écrivain en 1947»), Pastoreau, Georges Henein e Sarane Alexandrian animam o grupo *Cause surréaliste*, que acabará por ser, por via de Pastoreau, um dos esteios do panfleto de 1948, *À la Niche les Glapisseurs de Dieu*². Mais tarde, em Fevereiro de 1951, por causa duma conferência de Michel Carrouges (1910-1988) sobre o surrealismo no Centro Católico dos Intelectuais Franceses, acabou por assumir uma dura polémica com Breton e Péret, de que ficou registo na resposta destes, *L’Affaire Pastoreau & cie (tenants et aboutissements)*, datada de 16 Março de 1951. O encontro de Cesariny com Henri Pastoreau no Verão de 1947 pode ter acontecido por sugestão de O’Neill. Na carta de 16 de Setembro de 1947, O’Neill tem o seguinte parágrafo, que bem pode estar na origem do interesse de Cesariny por Pastoreau: *Tenho em meu poder um manifesto que a Cause Surréaliste dirige aos super-realistas de todo o mundo. O exemplar não é meu. Vê se arranjas aí uns vinte ou 30 e manda-me. A morada é: 10, Rue Rosenwald, Paris XV ème.* Ora Pastoreau foi um dos três secretários deste importante afluente do grupo surrealista de Paris no tempo da sua reconstituição no pós-guerra.

Deixemos agora a acção de Cesariny em Paris e passemos ao labor de O’Neill, na mesma época, em Lisboa. Enquanto Cesariny

estava em Paris, que fazia ele? Por um lado, dedicava-se a práticas surrealistas. É o caso daquelas que relata na carta de 17 de Agosto de 1947 e que foram descobertas e desenvolvidas em conjunto com António Domingues. É o caso, ainda, das colagens que noticia a Cesariny na carta de 16 de Setembro – com Azevedo e Vespeira por perto. Tudo a merecer a melhor atenção. Impossível porém aqui historiar tais práticas – ao menos naquela parte acessível e que se descreve. Por outro lado, O'Neill está a cuidar do terreno, com vista ao colectivo de intervenção surrealista, que ele, Cesariny, Domingues e Moniz já tinham decidido criar e que virá a ser o Grupo Surrealista de Lisboa. Uma das missões que Cesariny e Moniz têm em Paris, e não das menores, é dar a conhecer esta intenção aos surrealistas de Paris, pedindo-lhes colaboração – uma delas será o prefácio de Breton à colectânea dos portugueses. Ora, em Lisboa, O'Neill tem a mesma missão junto de alguns mais velhos, o primeiro deles, Cândido Costa Pinto, então com trinta e seis anos. Nascera a 20 de Maio de 1911, possuía talento plástico, adoptara modelos hipnagógicos para a sua pintura desde o início da década de 40 e tinha algum ascendente sobre os quatro jovens que aqui tratamos. Logo na primeira carta, de 17 de Agosto, O'Neill pergunta com viva curiosidade (1985: 290): *o Cândido expõe?* Por nota de Cesariny ao passo, ficamos a saber que Cândido Costa Pinto chegou a enviar um quadro para a Exposição Internacional Surrealista de 1947, da qual fez parte. Foi por certo o único português presente – ainda que o quadro não tenha sido pendurado. Passo a palavra a Cesariny (1985: 311): *Embora inserido na Exposição Internacional Surrealista de 1947, o quadro enviado por Cândido Costa Pinto não foi exposto. Acho ainda insuficiente, ou até mesmo deslocada, a catalogação de «quadro mais obscuro do que erótico» à altura aplicada em Paris à obra enviada por Costa Pinto, catalogação a que este responde, não sem bravura, na carta que me dirige. O que acho é nula a situação surrealista (pacto ou impacto) deste pintor, e suponho a falta de espaço que terá criado quando era preciso expor Ernests, Arps, Mattas, Gorkis, Mirós.* Na cronologia inicial do livro *A intervenção surrealista*, Cesariny reitera que Costa Pinto fez parte da exposição de 1947, com nome no catálogo, se bem que sem exposição. Citamos (1997: 55-56): *1947 – II Exposição Internacional do Surrealismo em Paris, apresentada por Breton e Duchamp. Grande parte da exposição significa o acentuado interesse dos surrealistas pela magia*

ritual e pelas forças mágicas do espírito. Cândido Costa Pinto, embora figure no catálogo, não figura no certame, com um quadro considerado mais obsceno do que erótico.

Acerca do quadro enviado para Paris em 1947 por Costa Pinto, pronuncia-se, este, assim na carta que escreve a 1 de Outubro de Lisboa a Mário Cesariny, então ainda em Paris (1985: 299): *O meu quadro é tudo quanto possa imaginar-se de menos erótico ou erotizante. Não se compara com os livros do Marquis de Sade que Monsieur Breton cita com insistência nem com o Amante de Lady Chatterly de Lawrence, etc. É uma opinião própria de um grande senhor da corte de Louis XV, beijador de mãos de damas putas.* Foi esta passagem que mereceu do destinatário a classificação de *bravura* – embora não dando crédito surrealista ao seu trabalho³. É por essa carta e pelos comentários a que dá origem, sobretudo na nota (15) apensa à edição de 1985, que sabemos que Cesariny terá procurado e estado com Dacosta em Paris, recebendo dele dinheiro devido a Costa Pinto e comprando por indicação deste um lote de livros que deviam compor a estante do grupo a criar. Ao que Cesariny confessa, na referida nota, que adquiriu com esses francos havidos três números da revista *Minotauro*, dois do *Surréalisme au service de la révolution*, e ainda livros, catálogos, revistas e manifestos não discriminados.

Na segunda carta de O'Neill, a sós, de 16 de Setembro, regressa-se de novo a Costa Pinto. O relato é extenso e deixa dele um retrato em corpo inteiro. Tem a vantagem de nos restituir o ponto de vista dum dos fundadores do Grupo Surrealista de Lisboa na época que imediatamente antecedeu a sua formação. Percebe-se o ascendente, mas também a desconfiança. Damos a palavra ao remetente: *Peço-te que me informes, urgentemente, dos motivos que te levam a «entrar», em todas as tuas cartas, com o Cândido Costa Pinto, porque pode haver «coisas» que eu desconheça, «coisas» de peso, e convém-me saber qual a atitude a tomar envers le chevalier. Até aqui as nossas relações, sem haver grande intimidade, são no entanto íntimas. Peço-te que me informes. A opinião que formo do tipo é a seguinte: sujeito que teve uma vida difícil e que quer conservar a mediana confortabilidade que «cavou». Isto dá-lhe umas certas características conservadoras e «prudentes» dentro daquele aspecto revolucionário que de facto tem, aspecto revolucionário, claro, condicionado e para «uso interno». Por outro lado, acredito na sua honestidade e «bom senso...», parecendo-me até, um companheiro «razoável». (Tem*

sido, não sei se com objectivo oculto, amabilíssimo com o Domingues, arranjando-lhe trabalho (de publicidade) e dando-lhe conselhos de ordem técnica e tática). Não acredito que ele possa colaborar connosco na obra que temos de fazer. É possível que contribua com algo, pois tem, com certeza, aspectos positivos. Ficarà pelo caminho... Isso não tenho dúvidas. Formalista como é (penso eu) e com os condicionamentos já apontados, não aguentará o transe (não esqueçamos que o bicho tem, além do que já apontei, 32 anos de idade...). Mais uma vez, O'Neill se engana nas contas. Costa Pinto no Verão de 1947 não tinha 32 mas 36. Nascera em 1911, não em 1915. Lamenta-se que as cartas que Cesariny escreveu a O'Neill e que este refere neste passo, cartas onde Cesariny se «mete» com Costa Pinto, cartas do esplêndido Verão de 1947, não sejam conhecidas. O que de todo se espera é que ainda apareçam. A sua publicação dará um novo e mais largo subsídio para a história que aqui se traça.

Fosse ou não um companheiro «razoável», certo é que Costa Pinto depressa ficou pelo caminho – ou nem sequer chegou a entrar. Quando Cesariny regressa de Paris, no meado de Outubro de 1947, já ele saíra borda fora – e essa terá sido a razão para nunca ter visto os livros que em Paris o seu dinheiro comprou. Na carta de 1 de Outubro, O'Neill e Domingues explicam, assim, o assunto para Paris: *Cândido fora da carroça! Teimosia em colaborar com... Caso perfeitamente esclarecido: procede sem contares com o Costa Pinto. [...] Importante: Costa Pinto diz que lhe foi confiada pelo Breton a formação dum grupo aqui o que é impossível – pelo menos com a nossa participação.* Pergunta o leitor: pertinácia em colaborar onde e com quem? Responde o próprio, Costa Pinto, na carta que, no mesmo dia, escreveu para Paris, respondendo decerto a pergunta do destinatário (Cesariny): *Resolvi de facto ir às exposições do S.N.I. [...]. Paris não pode julgar-me sem elementos para isso. As condições de vida do pintor são aí completamente diferentes das de Lisboa. Enquanto em Paris as galerias fazem a fama dos pintores à sua custa, aqui não há... galerias a não ser a do SNI.* Colaboração, pois, de Costa Pinto com o Secretariado Nacional da Informação, que prosseguiu o Secretariado Nacional de Propaganda, ambos dirigidos por António Ferro e pelos poderes da época. Embora a colaboração de Costa Pinto nos certames do SNI não seja assim tão singular entre os pintores da oposição, e até entre aqueles que vieram a fazer parte do Grupo

Surrealista de Lisboa, não fica nada mal esta intransigência inicial aos jovens que queriam o grupo.

José-Augusto França, no caderno editado no início de 1949, *Balanço das actividades surrealistas em Portugal* (reproduzido e traduzido em francês em número da revista *Colóquio/Artes*, n.º 48, 2.ª série, Lx., Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, pp. 28-35) deixou parágrafo acerca do caso, ainda que com olhos seus nada deva ter visto, pois no momento da saída de Costa Pinto, a 1 de Outubro de 1947, ainda não se dava notícia dele – e desta não-notícia se dirá ainda algo. Avança França sobre o afastamento de Costa Pinto (1981: 32-33): [...] *Cândido Costa Pinto, ligado primeiramente ao movimento, teve que se afastar, por razões de coerência e de força maior [...].* Ligado primeiramente ao movimento, diz França. De que modo ligado, pergunta o leitor? Pelos contactos havidos em Lisboa entre ele e O'Neill no Verão de 1947? Pela carta escrita a Cesariny e que hoje conhecemos? Pelos livros comprados com os francos que eram dele? Por isso e ainda por algo mais. Numa nota de 1985 ao texto de 1973, «Para uma cronologia do surrealismo em português», Cesariny adianta segmento indispensável para se perceber esse «algo mais» (1985: 267): [...] *em Junho de 1947 Cândido Costa Pinto e António Dacosta assinavam em Paris o manifesto colectivo Ruptura inaugural, que determinava ao movimento surrealista o afastamento de toda e qualquer filiação partidária, assinaturas que publicavam internacionalmente a existência de, pelo menos, um núcleo surrealista português, formalizada nos dizeres da contracapa do manifesto, impresso em Julho de 1948.*

Logo, Costa Pinto foi um dos subscritores do valioso manifesto de 1947. Daí a informação de O'Neill, a 1 de Outubro, dizendo que ele se dizia mandatado por Breton para formar um grupo surrealista em Lisboa – o que de resto Cesariny parece confirmar na nota de 1985. Continuamos a citar: *Cândido Costa Pinto, participando na Exposição Internacional Surrealista de 1947 na Galeria Maeght, com obra entretanto considerada mais obscena do que erótica pelos responsáveis da exposição, o que levou à não penduração da obra, foi o primeiro e provavelmente o único a apresentar a André Breton o propósito de formação de um grupo surrealista aqui, sendo segundo nisso, infelizmente, o autor destas linhas, mas apenas na ideia-projecto de publicação de um Boletim Surrealista a sair em Lisboa com o primeiro número apresentado por Breton, projecto a que este aderiu sem reservas, pedindo apenas que lhe fosse indicada*

a maior ou menor extensão do texto a ser enviado; enfim, e não menos curioso, os encontros de Alexandre O'Neill e Mário Cesariny com Cândido Costa Pinto entretanto regressado a Lisboa, obtiveram deste último o máximo de colaboração (inclusive em dinheiro para compra de livros nunca antes chegados a Portugal), para contactos dos dois primeiros com o grupo surrealista em Paris, para onde Moniz Pereira partiria em Julho e Mário Cesariny em Agosto de 47.

Deste passo, algumas informações esclarecedoras, da maior importância, se tiram no que ao Grupo Surrealista de Lisboa respeita. O primeiro português, e parece que único, que falou a Breton em formar um grupo surrealista em Portugal, sediado em Lisboa, foi Cândido Costa Pinto. Se outro mérito este pictórico não tem, o que não parece líquido, com este fica. Cândido Costa Pinto esteve na Primavera de 1947 em Paris, onde tomou conhecimento do manifesto *Rupture inaugurale*, subscrevendo-o, e no regresso teve contactos estreitos com O'Neill e Cesariny, acabando por ser ele a fonte dos contactos surrealistas, e até o móbil, de Cesariny e Moniz Pereira em Paris. O papel de Cesariny junto de Breton, numa altura em que este estivera já com Costa Pinto e por ele tivera notícia dum grupo a formar-se em Lisboa, será, pois, pedir a sua colaboração para uma das acções do referido grupo, a edição dum boletim português de ligação surrealista, cujo número de estreia contaria com apresentação de André Breton. O projecto, algum tempo depois, no primeiro semestre de 1948, foi abandonado. Logo se verá porquê e para quê. Esse abandono poderá ter sido porém uma das razões fortes que levou Mário Cesariny a desvincular-se do Grupo Surrealista de Lisboa em Agosto de 1948 e de que dão nota as duas últimas cartas do opúsculo de 1974 – a primeira, escrita a O'Neill e a Domingues, no dia cinco, e a segunda, a da ruptura, escrita a António Pedro, três dias depois.

Regressemos à carta de O'Neill a Cesariny, de 16 de Setembro de 1947. Nessa carta fala-se pela primeira vez de António Pedro, então com trinta e oito anos, só dois mais do que Pinto, e uma deriva sem fim por movimentos antagónicos; começara como simpatizante da ditadura do 28 de Maio, adepto do fascismo de Rolão Preto, e acabara, durante a guerra, em Londres, como locutor antinazi da BBC. Que diz O'Neill a propósito de António Pedro na carta em que pela primeira vez se lhe refere? Damos-lhe a palavra (1985: 294): *Do*

António Pedro, além do que é do domínio público (e não é muito) não conheço quase nada. Parece-me um «queimado», um «mula velha», com aspectos muito mais conservadores e formalistas do que os do C. Pinto. Posso estar em erro mas é essa a minha impressão.

António Pedro e Cândido Costa Pinto eram entre os veteranos os que, estando à mão, já que residiam em Lisboa no ano de 1947, mostravam afinidades directas com o surrealismo. Costa Pinto, com uma facilidade plástica muito acima da média, adoptara modelos hipnagógicos, que pôs a correr na pintura portuguesa na primeira metade da década de 40 e que não terão sido assim tão indiferentes ao Breton da Primavera de 1947. Daí a missão que ele diz haver-lhe sido confiada – criar um grupo surrealista em Lisboa. António Pedro, que assinou em 1935 o *Manifesto dimensionista*, Paris, ligou-se durante a guerra ao grupo surrealista de Londres, expôs em Lisboa com António Dacosta, ainda no ano de 1940, obras que Cesariny diz (1985: 264) de «evidente integração surrealista» e publicou em 1942 a novela *Apenas uma narrativa*, que Jorge de Sena porá, com óbvio exagero, nos píncaros da prosa surrealista. Curioso que este currículo colossal, por certo conhecido na Lisboa de 1947, não tenha tocado por aí além o remetente, que não recua em classificar o autor de *queimado* e de *mula velha*, com aspectos muito mais conservadores e formalistas do que os de C. Pinto. Nesta altura, Costa Pinto, aureolado pela proximidade em que andara com Breton na Primavera desse ano, tocado pelo semi-reconhecimento que obtivera na exposição internacional da Galeria Maeght, onde estivera, vai-não-vai, por se tornar no único português a expor, parece intocável. Daí a expectativa de O'Neill na carta de 17 de Agosto: *o Cândido expõe?* Não expôs – mas em Lisboa, no momento, era como se expusesse. Bastava ter o nome no catálogo para ser assim.

As coisas vão mudar, e na carta de 1 de Outubro, a posição dos dois veteranos já se inverteu. O facto de Costa Pinto não ter sido pendurado na Galeria Maeght pode ter ajudado à troca. Afinal, as relações de Breton e Costa Pinto não eram assim tão estreitas como se pensara em Lisboa no final da Primavera. Em 1 de Outubro, já Costa Pinto, por causa do S. N. I., fora afastado. *C. Pinto fora da carroça* – diz O'Neill. Para compensar a quebra, o outro veterano, António Pedro, ganha novo valor aos olhos de O'Neill e de Domingues; está muito longe de ser o *queimado* e *mula velha* de Setembro. De des-

conhecido com lados muito mais conservadores e formalistas do que os de Costa Pinto passa a parceiro incontornável. Citamos (1985: 301): *Ficaram combinados, dentro duma base de não compromisso mútuo – o que nós mesmos queríamos – encontros semanais com o António Pedro, elemento útil para informações sobre o grupo super-réaliste inglês, sobretudo, e outras. Conclusão: antes Pedro, era um senil intratável; agora, «elemento útil», que merece respeito e indulgência. Tudo isto se passa enquanto Cesariny está em Paris; por isso, mais tarde, num texto de 1950, só vindo a lume no livro *A Intervenção surrealista*, «O crítico J.-A. França e a exposição», anotará em rodapé o seguinte (1997: 150): *Embora as aparências, António Pedro nada teve a ver com o propósito de formação de um grupo surrealista aqui. Nele interveio primeiro Cândido Costa Pinto, que foi do dito grupo (em formação) irradiado. Acresço que sou alheio, tanto à expulsão de Costa Pinto quanto à admissão de António Pedro, uma e outra acontecidas estava eu em França.**

Quando Cesariny regressa a Lisboa, Outubro de 47, o grupo está neste pé: à quadra inicial (Cesariny, Domingues, Moniz, O'Neill), juntaram-se agora Azevedo, Vespeira e António Pedro. Na nota 12 do opúsculo de 1974, Cesariny fala dum proto-grupo surrealista. Citamos (1985: 312): *Chegado a Lisboa expus este plano ao protogrupo surrealista, do qual fora entretanto afastado Cândido Costa Pinto e no qual entretanto se integrara António Pedro. A certeza é, pois, esta: antes do Outono de 1947, Cândido Costa Pinto é o primeiro nas actividades preparatórias que antecedem o nascimento do Grupo Surrealista de Lisboa. É ele que está com Breton em Paris – acabara este, poucos meses antes, de regressar do exílio para onde fora em 1941 –, e é ele que logo no regresso a Lisboa põe em contacto, fornecendo as indicações necessárias, Moniz Pereira e Cesariny com Breton, com o resultado que já se conhece – colaboração deste num boletim surrealista a editar em Lisboa no quadro das actividades do grupo a formar e de que Breton já tivera notícia pelo informe de Costa Pinto. Depois de Outubro, Costa Pinto desaparece, e o seu lugar é ocupado por António Pedro. Na carta que Moniz Pereira escreve de Paris, onde ficará até meados de Novembro, a Cesariny, com a data de 6 de Novembro, confirma-se a ascensão dum e o apagamento do outro. Assim (1985: 302): *Estou completamente de acordo com a vossa atitude com o snr. Cândido [-] o que não julgaria capaz era o rompimento do António Pedro com ele mas desde que isso se deu, felizmente para todos**

nós porque julgo o A. Pedro como pessoa duma utilidade indispensável para o surrealismo em Portugal [...]. Uma outra vantagem da posição do A. Pedro, são as relações com o grupo surrealista inglês em que eu vejo um grande interesse. No Outono de 1947, todos parecem aliviados com a saída de Pinto e a chegada de Pedro, de quem parecem esperar muito. O'Neill fala em «elemento útil»; Moniz aponta a sua «utilidade indispensável para o surrealismo em Portugal». Nenhuma desconfiança, pois; ao invés, a melhor expectativa.

Um passo de Mário Cesariny, este no texto de 1973, *Para uma cronologia do surrealismo em Portugal*, faz datar de Outubro de 1947 o nascimento formal do Grupo Surrealista de Lisboa. Consumada a partida de Pinto, carimbada a entrada de Pedro, o grupo arranca com reuniões regulares em casa de António Pedro, a única disponível, já que todos os outros, incluindo Cesariny, se abrigavam sob a telha da família – ou disso próximo. As reuniões marcam o arranque do grupo. Citamos (1985: 269): *Em todo o caso, é neste mesmo mês de Outubro que o grupo tem as primeiras reuniões, a que assistem, em casa de António Pedro, Alexandre O'Neill, Mário Cesariny, António Domingues, Fernando Azevedo, Vespeira, João Moniz Pereira, regressado de França no mês seguinte, e José-Augusto França, desde o início de 48, passam a participar delas, este último por proposta de António Pedro.* Eis então o Grupo Surrealista de Lisboa formado e em actividade. Um novo nome nos aparece aqui, José-Augusto França, de resto já por nós citado como autor dum *Balanço das actividades surrealistas em Portugal*, de 1949. Chegou ao grupo por iniciativa de António Pedro e já no ano de 1948⁴. Mais tarde se verá, ainda que muito indirectamente, o lugar que lhe pode ter cabido por direito próprio e não apenas como escora do patrono. Por agora confirme-se apenas aquilo que vem de trás: França, no momento de saída de Pinto e da entrada de Pedro, nada parece ter visto com os olhos dele. Só chegará ao grupo no início do ano seguinte e por convite de Pedro, não dos outros – os iniciais.

Para já, pergunte-se: o que foi feito do boletim surrealista, ao que se sabe o único ponto de debate entre Cesariny e Breton em Paris nos encontros que mantiveram no Verão de 1947? Este boletim na época foi um dos objectivos mais prementes do grupo português ou do protogrupo ou de Cesariny dentro dele. É de crer que de regresso a Lisboa, no momento em que arrancam as reuniões em casa de

Pedro, em Outubro de 47, Cesariny tenha desejado com entusiasmo concretizá-lo. Não era ocasião de somenos, para desperdiçar, obter um texto de Breton. Lendo a correspondência que pouco depois, em Janeiro de 1948, Cesariny troca com o pintor Victor Brauner, que também frequentara em Paris no Verão anterior, percebe-se que o boletim passara de singelo caderninho a revista internacional de grande formato. Em lugar de simples colaboração lusa introduzida por Breton, tratava-se ora de recolher participação de Paris, Londres e Nova Iorque. O projecto deixara de caber a um juvenzinho de vinte e quatro anos, Mário Cesariny, para cair nas mãos dum homem de quarenta, com duas décadas de publicação em livro, António Pedro. Assim como assim, o acanhado jovem não parece levar a mal ao ancião, ao menos de momento, falamos de Janeiro de 48, a largueza de propósitos; antes parece empenhado em ajudar o mais velho na tarefa.

Tem a palavra Cesariny (1985: 305): *O Brauner sabe já que António Pedro, que me trouxe o seu abraço, está a preparar a publicação, em Lisboa, de uma revista surrealista com colaboração internacional. Não esqueça a colaboração francesa e diga a Breton que para nós será uma grande alegria aparecer, como grupo surrealista, com todos vós.* «Revista surrealista com colaboração internacional», diz Cesariny, e já não «pequeno caderno de colaborações surrealistas portuguesas». Na resposta de Brauner a Cesariny, datada dalguns dias depois, 15 de Janeiro, voltamos a ter notícia da novel publicação. Citamos (1985: 306): *Neste momento tenho quase tudo reunido para a «Variante» e amanhã sexta-feira farei entrega a Mlle. Kleinberg, que me foi apresentada por António Pedro. – Apreciaria muito que tomasse em boa conta as nossas sugestões e sobretudo as de Breton que anda em viagem. (– Explicarei tudo isto a Mlle. Kleinberg. –) É também indispensável ter documentos gráficos de: Tanguy, Ernst, Miró, e de todos os nossos amigos da América, e se por qualquer razão António Pedro não pode obtê-los, devem escrever-me e dizê-lo que eu tratarei da sua obtenção.* Informação preciosa neste passo: o pequeno e desprezioso caderno do Verão de 1947 tornou-se em Janeiro do ano seguinte em número da revista *Variante*. Compreende-se. Pinto saltara entretanto do barco, ou a isso fora empurrado, e para ocupar o lugar vago entrara no barco outra cabeça branca, António Pedro. Ora *Variante* era publicação do novo graduado, revista dele, que ele fizera em 1942 e 1943 e de que apareceram dois números. Pergunta

o leitor: publicação surrealista? Não, não era revista surrealista. Veja-se o texto de apresentação do primeiro número, assinado por Pedro (v. Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1941-1974)*, vol. II, 2.º tomo [Q-Z], Grifo, 2000, p. 589): Variante *convida às suas páginas todos os Artistas e Críticos do mundo que sejam contemporâneos do seu tempo. Não toma posição de escola ou partido e serve-lhe para único compromisso um corte de relações com as múmias de todas as escolas e de todos os partidos. É uma revista de arte viva.* Revista de arte, revista contemporânea, revista sem escola nem partido, revista ecléctica, onde tanto colaboram Carlos Queiroz e António de Navarro como Fernando Amado e Lopes Graça.

Como evoluiu o negócio do novo número da revista *Variante*, esse surrealista, com colaboração internacional, e gizado no final do ano de 1947 ou no início de 48, momento em que o caderninho inicial se transforma num grande plano de dimensão mundial? Seguiu mal – é o que se pode dizer. Nada se publicou. Cesariny não explica por que razão tudo deu em nada, ou melhor, explica, reduzindo o fracasso ao denominador mais simples – Pedro desinteressou-se do assunto e passou à frente. Não é para admirar que o desinteresse, que pode ter demorado um tanto a chegar, tenha sido uma das razões fortes para Cesariny ter batido com a porta ao grupo, pouco tempo após, início de Agosto, tentando levar com ele O'Neill e Domingues, o que não obteve, pois só Domingues o acompanhou. O boletim, na versão local inicial, constituía, tudo o indica, iniciativa dele; demais, fora levado muito a sério na sua estada em Paris. Diga-se claro: não foi a passagem do boletim a número da revista *Variante*, que de início até apadrinhou, como se vê pelos esforços leais junto de V. Brauner, que descontentou Cesariny; o que sumamente lhe desagradou foi o esquecimento em que tudo, algum tempo depois, à ligeira, caiu. Na nota 12 do opúsculo de 1974, já atrás referida a propósito dos encontros com Breton em Paris e da ideia dum *protogrupo* no momento da chegada a Lisboa em Outubro de 1947, Cesariny desenvolve o caso assim: *Este último [António Pedro], em viagem relâmpago a Paris, transforma o meu modesto plano na ideia, grandiosa, de fazer reaparecer a revista Variante como revista surrealista internacional. Com esta ideia gigante António Pedro entreteve suficientes serões, um por semana, do Grupo Surrealista de Lisboa, após o que se desinteressou da ideia, devolvendo-se a colaboração já recebida de*

Paris, Londres e Nova Iorque. Serviço inestimável, e inesquecível, este de transtornar uma publicação alçapremando-a a revista de «grande classe», e atirar com o projecto de ambas para o caixote, enquanto os surrealistas de Paris, Londres e Nova Iorque, falhou a Índia e o Peloponeso, levam na cara com a devolução. Pouco depois António Pedro aderiria sem esforço à edição da revista Unicórnio, publicação sumamente aprazível, sem nenhuma inscrição surrealista, nacional ou estrangeira, precisa para nada, e local onde os ainda não contemplados Sena e Cavalos da Costa teriam enfim coluna.

Unicórnio, antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos publicou-se em Maio de 1951, Lisboa, e foi seguida por mais quatro «córnicos» (Bicórnio, Tricórnio, Tetracórnio e Pentacórnio), dados a lume entre Abril de 1952 e Dezembro de 1956. O conjunto não anda longe de Variante e até de Litoral (1944-45), sendo muitos dos colaboradores coincidentes. O surrealismo internacional é inexistente; neste ponto, a revista nada mais pretende do que estar *a la page*. No primeiro número, Jorge de Sena conduz um inquérito sobre André Gide, a que respondem, entre tantos outros, José Régio, Delfim Santos, Eduardo Lourenço. No segundo número, novo inquérito, desta vez conduzido por Eduardo Lourenço e subordinado ao tema «Como vivem os intelectuais portugueses a sua relação com a cultura passada em Portugal», a que respondem António Sérgio, Afonso Botelho, Hernâni Cidade e muitos outros. No número seguinte, mais uma pasta, acerca do «Homem Revoltado», a que respondem, entre outros, Eduardo Lourenço, Delfim Santos, José Marinho. O quarto número é todo ele ocupado pela pasta, «Meio século XX de literatura portuguesa» e por um inquérito, «Quais os livros que vale a pena ler? Quais os livros que valeu a pena escrever?», com 20 respostas. No derradeiro número, nova pasta temática, «Para um conceito actual de modernidade», a que respondem, entre outros, António Quadros, Carlos Eduardo Soveral, Óscar Lopes. Como se percebe, «surrealismo» é tópico que não se topa com facilidade na publicação. Na verdade, de surrealismo, talvez só um texto de Fernando Azevedo no *Tricórnio* e algum verso de Alexandre O'Neill, antes de mais, o adeus a Nora Mitrani, dado a lume em Maio de 1951, no primeiro número. Aceite-se, pois, por certa a avaliação de Cesariny acerca da revista - *sem nenhuma inscrição surrealista*.

Quem dirigiu a publicação? José-Augusto França. Voltamos, pois, ao jovem grumete de Pedro. Já se sabe que este rapaz, nascido em 1922, apareceu no Grupo Surrealista em momento adiantado da vida deste - em Janeiro de 1948, segundo Cesariny; na segunda metade de Outubro de 47, segundo ele próprio. Certo é que foi levado por António Pedro. Certo, ainda, que nas andanças da Primavera/Verão, não se dava conta dele Ora, em Janeiro de 48, estava a revista *Variante* em cima da mesa, com o desenvolvimento que já se conhece. Teve França responsabilidade no fim do projecto? Já ideava no momento aquilo que viria a ser *Unicórnio*? Foi ele quem meteu o «desinteresse» ao patrono? Foi por ele que se desistiu do número que tanto entusiasmava ainda Cesariny em Janeiro de 1948? *Unicórnio* substituiu a *Variante* surrealista? Impossível dizer. Uma certeza: a revista que apareceu em Maio de 1951 é decalque, ou flagrante continuação, da revista feita por Pedro em 1942/43. Outra certeza: uma revista como *Unicórnio*, com cerca de vinte colaborações em texto e três *hors-textes*, não se faz duma semana para outra. Saiu em Maio de 1951, mas foi pensada antes - ou até muito antes. O resto - teve ou não França responsabilidades no fim duma *Variante* surrealista - não tem resposta. Ponto final.

Ao invés, sabe-se que António Maria Lisboa, no momento de escrever a Péret, no Outono de 1949, missiva que Risques Pereira leva para Paris e traz de volta para Lisboa, já que Péret andava por fora, classifica de passagem, ao falar de António Pedro, o jovem França. Assim (*Poesia de A. Maria Lisboa*, Assírio & Alvim, 1977, p. 256): *António Pedro continua «um grande homem da Arte»!..., confessadamente contra o que ele chama o «surrealismo ortodoxo» e contra o «automatismo». J. A. França um Racionalista-idiota. Uma pergunta se impõe: calúnia de Lisboa contra França? Que António Pedro, nascido em 1909, com uma obra em registos vários, podendo ser dita para muitos gostos, se não para todos, seja «um grande homem da Arte» não parece excessivo nem despropositado. Ele próprio se reconheceria porventura na perífrase. Agora, apodar José-Augusto França de *racionalista-idiota* fia mais fino. Repare-se que Lisboa não diz *racionalista e idiota* mas sim *racionalista-idiota*. França, segundo o autor da missiva, prima pelo racionalismo; é este sistema que faz dele «idiota» - o que até se entende da parte dum homem, como Lisboa, empenhado em impugnar, em nome dum real absoluto, a razão instrumental e a*

racionalidade prática. Logo, a questão está apenas em saber se José-Augusto é ou não um racionalista – e se o é já em 1948/49.

França foi um divulgador, um crítico de cinema e de arte, um ensaísta de temas culturais. Além da escrita jornalística – fez por exemplo entre 1949 e 1952 muita crítica diletante na revista *Seara Nova* –, assinou no início de 1949, quando o Grupo Surrealista de Lisboa ainda semi-existia, mas já sem Cesariny, um opúsculo, o já citado *Balanço das Actividades Surrealistas em Portugal*. Há um passo, deste, que nos parece representativo do conjunto. Basta a parte, para se tomar o pulso ao todo. Cite-se, pois (1981: 34): *É de notar que se tem evitado cuidadosamente empregar o termo «Grupo», ao qual se tem preferido «Movimento». Com efeito, embora «Grupo» não significasse aqui mais do que uma realidade geográfica (Grupo de Lisboa, por habitar Lisboa), sempre haveria o perigo de polemicamente lhe supor uma qualquer intenção de hermetismo ou de auto-satisfação. É claro que esse perigo terá de futuro que ser posto de parte, como ridículo, e a palavra há-de aparecer, indistintamente, como significando também «Movimento». No entanto, esta última, a todos os títulos mais exacta, além de englobar o sentido surrealista de «Grupo», por si própria já, por definição, anuncia a irradiação daqueles que deturparem uma efectiva marcha surrealista, em favor de qualquer mística ou, por outro lado, de qualquer mitologia – casos que sempre poderão acontecer. Disto se poderá concluir que organizar um Movimento Surrealista não só não envolve qualquer esoterismo, como também não é algo que se termine como uma tarefa, mas, pelo contrário, é algo que em todo o momento se elabora com problemas que dialecticamente se repõem – porque, sendo movimento, não pode deixar de se mover.*

Percebeu o leitor? Não é fácil, reconhecemos. Uma coisa porém se entende: França está ferozmente contra o hermetismo, contra o esoterismo, contra o que possa ser tido como deturpação mística e mítica daquilo que ele chama a *marcha surrealista*. Que entende ele por «irradiação»? Por certo, erradicação, expulsão. Gaspar Simões, que ajuizou do caderno num texto da época (*Sol*, 23-7-1949, pp. 4 e 9), viu-o assim: *os rapazes de hoje, mesmo quando querem acertar o passo pelas doutrinas irracionistas, marcham com cadência racional (de passagem, avaliou as restantes obras do Grupo Surrealista de Lisboa, O'Neill e António Pedro, como pequeninas, escolares e aplicadamente ortodoxas). Não admira que António Maria Lisboa, ante o arrazoado de Balanço, tenha classificado, sem mais, o autor de racionalista-idiota. Não*

espanta, também, que Breton e Péret, ao porem olho no caderno, tenham ficado pasmados e confundidos. Lisboa esteve pela primeira vez em Paris em Março/Abril de 1949. A missão é a mesma que Risques Pereira, meses mais tarde, terá: levar notícias ao grupo francês do Grupo Surrealista de Lisboa e da criação dum novo colectivo, «Os Surrealistas». Na primeira carta que escreve aos amigos diz: *Péret acha confuso o «Balanço»*. Pudera! Até, em nota, com manifesta simpatia, o articulista cita Noël Arnaud⁵. Na mesma carta, já Lisboa dissera: *O Grupo [de Paris] não olha com bons olhos o FRANÇA e tanto assim que na comunicação sobre a expulsão do Matta retiraram o nome dele, França, embora tivesse sido assinada pelo sobredito cujo engano surrealista parece ser evidente ao Grupo Francês*.

França chegou, segundo a indicação de Cesariny, ao Grupo Surrealista de Lisboa em Janeiro de 48, momento em que o número surrealista de *Variante* estava em preparação. Cesariny afasta-se no início de Agosto, quando esse mesmo astro, a revista, declinara sem remédio no horizonte – o que sumamente terá desagradado o seu primeiro entusiasta. A chegada de França ao grupo, tenha ou não tenha contribuído para o desinteresse de Pedro em relação ao assunto, tanto monta, não podia passar despercebida a Cesariny. Pelo que se lê no *Balanço* do início de 1949 e pelo que se lê (por exemplo) na carta a Victor Brauner, o ponto de vista destes dois, França e Cesariny, não podia ser mais contrário. Um é feramente contra o esotérico, o hermético e o mito – até a mitologia, tão inócua desde que Schelling a pôs a circular, lhe cai sob denúncia; o outro é com fervor e alma a favor da ciência mágica. Veja-se o que ele diz na carta a Brauner (1985: 305): *Neste sentido – teorizo talvez abusivamente mas o risco é apenas meu – vejo as suas criações na mais forte vanguarda do surrealismo. O lado mágico, que Breton nunca deixou de pôr em relevo, tem no Brauner um alto grau de lucidez agente, tanto pela recusa de uma técnica de qualquer modo cerimonial, imposta do exterior, como por um natural delírio de interpretação, fortemente estribado nos signos poéticos da ciência mágica, propriamente dita. Decerto que, a este respeito, pode fazer-se muita confusão, e, mais natural, ter muito medo. Medo de não se ser... racionalista moderno. Mas a palavra de Arcane 17 – Osíris é um deus negro – só deve amedrontar a caixa de fósforos que está perto de mais do lume*. Imagine-se o que França não terá pensado de Cesariny em Janeiro de 48, quando teve notícia, numa daquelas reuniões em

casa de Pedro, desta carta. Ironize-se: ficou aflito por assinar o decreto de «irradiação». O que Cesariny pensa de França, sabe-se. É só o mesmo que António Maria Lisboa: *racionalista-idiota*. Compreende-se, pois, que as reuniões em casa de Pedro se tenham tornado para Mário Cesariny cada vez mais penosas nesse ano de 48. Estaria desejoso de bater a asa, o que não tarda a suceder. No Verão, a 8 de Agosto, escreve a Pedro o parágrafo de abertura da carta em que se desvincula do Grupo Surrealista de Lisboa (1985: 309): *Serve esta para dizer que me desligo inteiramente do chamado Grupo Surrealista de Lisboa por não acreditar que seja Grupo e ainda menos que seja Surrealista*. Esta saída marcou o grupo, que terá de vida, depois deste estíchio, em generosa conta, pouco mais dum ano.

Adiante-se que no momento em que os quatro jovens iniciais – Cesariny, O'Neill, Domingues, Moniz – aderem em Lisboa ao surrealismo, por certo na Primavera do ano de 47, outros, da mesma idade, deram o mesmo passo. Mário Cesariny na cronologia inicial do livro de 1966, *A Intervenção Surrealista*, adianta, com respeito ao ano de 1947, o seguinte: *interessam-se por isso [surrealismo] José Cardoso Pires, Jorge de Sena, Adolfo Casais Monteiro. Mais directamente se interessam: Cândido Costa Pinto, Vespeira, Fernando de Azevedo, António Pedro, José-Augusto França. Também Pedro Oom, António Maria Lisboa, Henrique Risques Pereira, que formarão, até 1949, um pequeno grupo à parte. Também Cruzeiro Seixas, António Areal, Mário Henrique Leiria, Carlos Calvet, Jorge Oliveira, Jorge Vieira, Carlos Eurico da Costa, João Artur Silva*. Mário Cesariny, depois do corte com o Grupo Surrealista de Lisboa, tinha, pois, muita seara à mão para colher novos parceiros que se unissem em torno de acção surrealista. Nasceu dessa sorte, na transição do ano de 1948 para o de 1949, um ano depois do primeiro lote de reuniões em casa de Pedro, o grupo «Os Surrealistas», de que não mais aqui diremos, pois o que pretendemos é tão-só um subsídio relativo ao Grupo Surrealista de Lisboa e ao momento da sua formação.

Entendem-se em Lisboa tantas adesões nesse ano de 1947 ao surrealismo? Entendem. Breton acabara, poucos meses antes de regressar à Europa, por decidir-se a reconstruir, em torno de si e dalguns outros, o grupo surrealista de Paris; voltava a falar-se dele e do surrealismo, cujo âmbito de pesquisa se alargara muito nos últimos anos, com a estada na América. Dera à luz *Prolegómenos a um Tercei-*

ro *Manifesto do Surrealismo ou não* (1942), deitara ao papel *Arcane 17* (1945), exaltara o primitivismo índio em *Ode a Charles Fourier* (1947). Havia ainda os textos de *Martinica Encantadora de Serpentes*, só recolhidos em livro em 1948, e os quatro números da revista *VVV* (1942-44), decisivos na afirmação do surrealismo nos Estados Unidos – isto para não falar no diálogo com Wolfgang Paalen, os encontros com Arshile Gorky e E. F. Granell, as leituras novas de Charles Fourier, Saint-Yves d'Alveydre e Éliphas Lévi.

Em Portugal o neo-realismo, que vinha do final da década anterior, estava integrado e não mostrava aptidão nem interesse em mudar fosse o que fosse. O seu tempo passara, ou nem sequer chegara; o que dele se podia esperar era nulo. Acabara numa forma cómoda de ganhar a vida e estava reduzido a uma estética de *clichés*, que se institucionalizara em definitivo como segmento aceitável e até rentável. A cultura oficial, a do Secretariado Nacional de Informação, tutelada por António Ferro, tinha, por seu lado, um predador feroz no topo; qualquer compromisso com ela era impossível. O surrealismo apresentava-se, assim, aos jovens que fizeram vinte anos em Portugal na década de 40 como uma aventura nova, fora dos caminhos batidos, que já se sabia onde levavam – poder, prestígio, sinecuras. O regresso de Breton a Paris, o renovado interesse que o surrealismo voltava a suscitar na Europa, depois de se ter transfigurado no outro lado do Atlântico, acabou por ter eco em Portugal, que até aí, tirando dois ou três isolados, António Dacosta, António Pedro, Cândido Costa Pinto, não dera nota sequer da sua existência. Cesariny refere, talvez com exagero, no texto de 1973, *Para Uma Cronologia do Surrealismo em Português* (1985: 246), que antes de 1947 e das primeiras actividades surrealistas organizadas em Lisboa as referências ao surrealismo em Portugal limitavam-se a duas: um estudo de Gaspar Simões sobre a pintura de Vieira da Silva e de Arpad Szenes, de 1936, e (diz ele) *um artigo na revista Seara Nova, já durante o pós-guerra, assinalando o regresso de André Breton a França*.

Que artigo é este? Mário Cesariny nada mais indica do que o que vai em itálico. Fomos procurar. Encontrámos o texto na revista *Seara Nova* (ano XXV, n.º 987, 11-7-1946), com autoria de Pierre Descaves e referência de que se trata dum inédito «exclusivo para a *Seara Nova*». Não pode ser outro, pois outro não há. O texto ocupa, no

número, a folha de rosto e o verso, com óbvio destaque, trazendo na folha do verso o busto fotográfico do autor de *Nadja*. Recorde-se que André Breton desembarcou a 25 de Maio no Havre, no ponto extremo-norte do estuário do Sena, e que no dia seguinte chegava a Paris, voltando ao apartamento da Rue Fontaine. O texto da *Seara Nova* foi publicado, pouco mais dum mês depois, a 11 de Julho. Esse texto teve por certo, embora Cesariny não o diga, um impacto importante junto da juventude lisboeta e portuguesa, ligada à oposição, ao MUD, a única que lia as páginas da revista fundada, em 1921, por Jaime Cortesão e outros. Quero crer que O'Neill e Cesariny conheceram o texto e por ele foram tocados. Leia-se o parágrafo de abertura: *O super-realismo já possui o seu historiador, Maurice Nadeau. Conserva o seu herói – e seu arauto, André Breton.* Não me espantaria que nestas palavras tenha lido O'Neill pela primeira vez o nome de Maurice Nadeau – que depois, na entrevista de 1985, dará como credor do surrealismo português e sobretudo da formação do Grupo Surrealista de Lisboa.

A favor do conhecimento do texto ponha-se o facto de no mesmo número da revista se encontrar um texto de Mário Cesariny – subscrito com o nome Mário César. Cesariny fez com este semi-pseudónimo, a convite de Fernando Lopes Graça, o crítico musical de maior duração e projecção da revista, crítica musical na *Seara Nova* no ano de 1946 – e que continuará nos primeiros meses de 1947. É um capítulo quase desconhecido da sua biobibliografia, que nem ele refere na cronologia autobiográfica do livro de 1977, mas nada desprezível do ponto de vista da expressão e que revela já o estudioso que viria mais tarde, em 1967, a escrever o estudo magistral acerca da *Clepsydra* de Pessanha. Ora no número em que aparece o apanhado sobre o regresso de Breton a Paris, Cesariny aparece com uma crítica musical, «XXV Concerto de Sonata e I Concerto de Orquestra Sinfónica J.U.B.A.». O texto sobre Breton não lhe pode, pois, ter passado despercebido, tanto mais que o cita em 1973. Passos do artigo – como este: *Na coorte destes homens novos, ardentes e apaixonados, emerge a cabeça de mago de André Breton, com o seu olhar magnífico de grão sacerdote* – devem mesmo ter calado fundo na alma do jovem crítico, colocando-o (pela primeira vez?) na senda do mago, de *olhar magnífico*, a quem um ano depois procurará em Paris com os desenvolvimentos que o leitor já conhece.

A formação do Grupo Surrealista de Lisboa, a partir dos fragmentos privilegiados que aqui compulsámos, resume-se com segurança aos passos seguintes: na transição da segunda metade de 1946 para a primeira de 1947, alguns jovens lisboetas, todos eles com pouco mais de vinte anos, com interesses na pintura e na poesia, nada inclinados à arte do Secretariado Nacional de Propaganda, e cada vez menos à do neo-realismo, entusiasmam-se pelo surrealismo, que então conhecem, por certo no quadro do regresso de André Breton a França. Quatro deles ousam levar mais longe o entusiasmo e concebem a criação dum grupo surrealista organizado em Portugal; procuram apoio junto dos mais velhos que em ocasiões várias durante essa década haviam manifestado conhecimento do movimento. Dois deles: Cândido Costa Pinto e António Pedro. Um terceiro ausente em Paris: António Dacosta. Isto sem falar de Maria Helena Vieira da Silva, também em Paris e que ficou à margem destes esforços. O de maior destaque nesta primeira fase é Cândido Costa Pinto, pintor, 36 anos, que desde o início da década de 40 expunha quadros de inspiração hipnagógica - Cesariny dirá «daliniana». Neste primeiro momento, que ocorre entre o Inverno e a Primavera de 1947, Costa Pinto envia quadro seu a Breton e a Duchamp, responsáveis pela exposição internacional do surrealismo a decorrer nesse ano na Galeria Maeght, Paris, e que sucedia às que ocorreram na Cidade do México (1940) e em Nova Iorque (1942), quadro que é aceite, figura no catálogo, mas sem exposição nas paredes da galeria. No seio dessa colaboração, Pinto vai a Paris, está com Breton, o que deve ter acontecido na Primavera, e leva já com ele o plano de formação dum grupo surrealista em Portugal. Deixa em Paris, ao cuidado de A. Dacosta, uma quantia de moeda francesa para aquisição de livros surrealistas, visando o novo grupo. No regresso passa os contactos parisiños a João Moniz Pereira e Mário Cesariny, que partem para a cidade, o primeiro em Julho, o segundo em Agosto. Enquanto estes dois visitam o acontecimento da Galeria Maeght, desenvolvem contactos com André Breton e projectam um boletim de ligação surrealista português, com um texto introdutório do autor de *Nadja*, os dois que estão em Lisboa chamam a si Fernando de Azevedo e Marcelino Vespeira e conti-

nuam os encontros com Costa Pinto, que decide expor um quadro no salão do Secretariado Nacional de Informação. Segue-se a revolta dos novos. Entretanto em Paris, por indicação de Pinto, já do início de Outubro, Cesariny recolhe a moeda que ficara com Dacosta e adquire ele os livros que o depositário inicial não adquirira. Ao mesmo tempo, em Lisboa, Costa Pinto é erradicado pelos mais novos e substituído por António Pedro. Cesariny dirá mais tarde que nada teve a ver com empurrão e substituição, pois no momento em que o movimento se deu, ainda ele andava por Paris. Limitar-se-á a lastimar o destino dos livros, que entregues foram ao grupo e não a quem desembolsou a moeda.

Do destino imediato do colectivo, baptizado Grupo Surrealista de Lisboa, e independentemente do ponto da chegada ou não chegada inicial de França, ponto obscuro e de contraditória informação, mas também nada significativo, pois tanto monta que ele tenha chegado em Outubro como em Janeiro do ano seguinte, sabe-se que Cesariny e Domingues, dois dos novos, entram em ruptura com ele no Verão, e abandonam-no. Uma razão forte para o desagrado foi com certeza o destino que teve aquele projecto dum boletim surrealista português tão acarinhado em Paris, transformado primeiro por António Pedro em número da revista *Variante* e depois abandonado, sem grandes explicações, pelo mesmo, se é que não metamorfoseado de novo, desta vez em *Unicórnio*, que pouco depois, em 1951, apareceu tutelado por França, mas já sem rasto de Breton. O Grupo, com a saída dos dois, tremeu, viveu novas crises internas, foi-se desagregando, até desaparecer pouco depois, no segundo semestre do ano seguinte. Os dois que saíram, por seu lado, juntaram-se a outras lojas de jovens que se interessavam pelo surrealismo, como Pedro Oom, António Maria Lisboa, Cruzeiro Seixas, Risques Pereira, Fernando Alves Santos, dando lugar no início de 1949 ao nascimento dum novo grupo «Os Surrealistas», cujo âmbito sai já fora deste subsídio.

Notas

- ¹ A controvérsia entre Breton e Nadeau, em 1949, a propósito de Rimbaud, foi do conhecimento de Cesariny, que a ela dedica um parágrafo na cronologia de 1966 (1997: 60): 1949: [...] *Flagrante Delito. Breton denuncia um falso manuscrito composto em Paris com a intenção de passar pela descoberta de La Chasse Spirituelle de Rimbaud. A fraude, sancionada pela publicação no Mercure de France, é corroborada por Nadeau e por Maurice Saillet, que têm o falso por autêntico. A edição é retirada.*
- ² Ao que Breton e Péret dizem, *L’Affaire Pastoreau & cie (tenants et aboutissements)* (A.B., *Œuvres complètes*, III, 1999, p. 1042), foi ainda H. Pastoreau o quase exclusivo responsável pela redacção do panfleto de 1947 (tão importante para Cesariny). Citamos: *Nous savons bien que, par la suite, Pastoreau a rédigé presque à lui seul Rupture Inaugurale qui marque un retour indiscutable à la position anti-religieuse [...]*.
- ³ Inquirimos, por carta, Cruzeiro Seixas sobre o significado e o lugar de Cândido Costa Pinto no surrealismo pictórico português. Eis a resposta (carta de 29-10-2014) – talvez menos severa do que a apreciação de Cesariny: *A ideia que me ficou da obra de Costa Pinto não a posso exprimir, aqui em Famalicão e é a de que a sua obra se pode resumir às capas da edição de livros policiais ou de ficção científica. A minha memória já não me ajuda; quanto à sua inspiração ela era excessivamente de uma estética daliniana. Onde estão os originais dessas capas? Alguma vez se expôs a obra de Costa Pinto? Guardo a ideia de que este se deixou arrastar numa polémica política sobre a sua colaboração com o Secretariado Nacional de Propaganda, criado por António Ferro. Também recorde o colorido vibrante dessa obra que em princípio foi festejada pelo Grupo Surrealista de Lisboa. A sua obra não tinha uma grande representatividade mas também julgo que era representativa de uma época em que estávamos ainda mais longe do mundo do que estamos hoje. As capas de livros policiais a que alude Cruzeiro Seixas são as que Cândido Costa Pinto fez para a colecção «Vampiro», da editora Livros do Brasil. Deu 112 capas, entre Abril de 1947, em que a colecção iniciou, até Agosto de 1956, em que voluntariamente se afastou. Trabalhou ainda, mas sem a mesma extensão, as capas da colecção «Argonauta», esta, de ficção científica, da mesma editora. Costa Pinto fez a sua primeira exposição individual no Secretariado de Propaganda Nacional, de A. Ferro, em 1941. Em 1995, a Fundação Calouste Gulbenkian fez-lhe uma retrospectiva.*

⁴ O testemunho de Mário Cesariny, que aqui seguimos, é contrariado pelo depoimento que José-Augusto França deu a Maria Antónia Oliveira e que esta usa na biografia de O'Neill (2007: 66-67). Segundo estoutra versão, França esteve, a convite de Pedro, desde o princípio nos trabalhos do grupo, participando numa reunião na Pastelaria Mexicana, a 17 de Outubro de 1947, em que estiveram presentes, além dele, O'Neill, Domingues, Fernando de Azevedo, Cândido Costa Pinto e Marcelino Vespeira, que ele toma por fundadora do grupo. Cesariny estaria ainda, segundo ele, em Paris. Dali partiram para casa de António Pedro, que ficava na Avenida Defensor de Chaves, perto do Campo Pequeno, onde Costa Pinto se viu impedido de entrar ou de ficar. Segundo a biógrafa, França *conservou uma memória muito fresca do encontro* (2007: 66). Nesta frescura, fica por explicar como é que, a 1 de Outubro, já O'Neill dava por consumada, na carta que escreve para Paris, a saída de Pinto. Desconhece-se a data exacta do regresso de Cesariny de Paris. É porém certo que chegou em Outubro, pois no passo há pouco citado, relativo à chegada de França ao grupo, ele garante que nesse mês já assistiu às reuniões na casa da Defensor de Chaves. É também certo que, a 1 de Outubro, O'Neill e Domingues já estão à espera dele. Em lado nenhum, ao que damos conta, Cesariny alude ao encontro na pastelaria da Praça de Londres – é o que se pode dizer acerca deste.

⁵ Noël Arnaud desenhou, no período do pós-guerra, uma estratégia para o surrealismo francês, em que pretendeu conciliar o surrealismo com o Partido Comunista Francês, isto já depois do corte de Breton com o estalinismo e de Péret ter feito a Guerra Civil de Espanha numa coluna da CNT. No primeiro semestre de 1947, as reuniões do grupo (Noël Arnaud, Édouard Jaguer, Yves Battistini e Raymond Daussy) tomam corpo, dando origem a um boletim policopiado, que em Junho de 1947, no momento em que o grupo de Breton prepara o apelo de *Ruptura Inaugural*, lança a palavra de ordem: «Pour déséquivoquer le surréalisme français». Breton protesta com uma carta aberta, lembrando as indignidades de quem tinha banido a livre discussão do seu seio. O grupo vê a publicação de *Arcano 17* como «pecado venial». Posições próximas conhecem-se em alguns surrealistas belgas, entre eles René Magritte e Paul Nougé, que em Outubro de 1946 deram à luz o manifesto *Le Surréalisme en plein soleil*, onde lamentam a complacência do surrealismo para com o negro do mistério. Também desta vez Breton reagiu, acusando os autores do manifesto de seguirem as «directivas culturais de Leninegrado». A actividade de Arnaud vinha já do tempo da guerra, altura em que animou em Paris, com J.-F. Chabrun, o grupo «La main à plume». Nas *Efemérides Surrealistas* (1955), Breton passa em silêncio a acção de 1947 dos *surrealistas revolucionários*, mas dedica uma perífrase ao grupo anterior, sem lhe citar o

nome. Citamos (*Œuvres complètes*, vol. IV, Gallimard, 2008, p. 38): *Paris: de 1941 a 1943, sob a inspiração de J.-F. Chabrun e N. Arnaud, actividade de tendência surrealista, desafortunadamente confusa. Numerosas publicações.* Mais tarde, Breton e Édouard Jaguer estreitaram relações – de amizade e de trabalho; foi na revista *Phases* (n.º 4, II S.), de Jaguer, que Cesariny publicou o importante texto historiográfico de 1973.